

ASSOMBRADA E DESEJADA
ELENA MALKOVA

Copyright © 2016 de Elena Malkova

Copyright © 2016 de Mandy Porto

Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.

Primeira edição, 2016

ASIN B01H5UN3X8

www.mandyporto.weebly.com

CAPÍTULO 1

Eu pensei que a minha vida seria um pouco mais fácil quando decidi sair de casa aos dezoito anos de idade. Pensei que quando tivesse o controle de minha própria vida, o meu amor próprio e o amor pela vida em si voltaria, mas tudo que aprendi é de como a vida é difícil, ainda mais quando estamos sozinhos no mundo. Aprendi muito comigo mesma, principalmente meus limites ao decorrer dos anos que vivi sozinha, mas hoje, com vinte e sete anos eu aprendi que a vida pode nos surpreender com cenários impossíveis.

Por exemplo, nunca fui de acreditar em fantasmas. Nunca precisei acreditar, mas desde o momento que pisei no Hotel Spooky Hollow eu fui bombardeada por situações que não consigo sequer explicar. Como camareira eu cuidava de vários quartos, e na minha primeira semana fui selecionada para o terceiro andar, do qual as outras camareiras se recusavam a trabalhar. Eu não liguei muito para as histórias do lugar e nem dei muita atenção para as expressões de medo das outras trabalhadoras, e como eu não acreditava em fantasmas os rumores não me incomodaram nem um pouco.

Logo de primeira fui avisada pela minha chefe que a camareira designada para o terceiro andar nunca durava. A pessoa sempre pedia demissão ou simplesmente desaparecia. Não deixei isso me afetar, e como precisava do dinheiro alto que eles estavam dispostos a pagar para tal trabalho eu estava pronta para aceitar qualquer posição.

Os meus primeiros dias foram até tranquilos. A única coisa fora do comum que presenciei foram as vozes em um corredor e quartos vazios, mas eu logo os atribuí para as pessoas que se hospedavam no terceiro andar e nos andares próximos.

As pessoas que se hospedavam no hotel em sua grande maioria eram investigadores paranormais com suas várias malas contendo objetos e câmeras na esperança de captar algo em vídeo ou áudio. Eu me diverti, não posso mentir, pois nunca havia vivido cercada de pessoas que acreditavam no paranormal, além disso, eu constantemente ouvia histórias que só ouviria no Halloween.

Eu não sabia muito da história por trás do hotel, mas sabia que o nome do hotel mudou para Spooky Hollow quando os trabalhadores e as pessoas hospedadas pareceram encontrar algo em comum em suas histórias de fantasmas. De acordo com as minhas colegas, havia uma mulher que se suicidou no quarto andar, e de vez em quando ela aparecia usando um vestido branco

ensanguentado. A história mais chocante é do terceiro andar, onde um crime realmente aconteceu. Uma mulher foi encontrada no banheiro, mas a sua cabeça e os seus braços haviam sido levados pelo assassino. Havia acontecido outros crimes e mortes ao decorrer dos 100 anos que o hotel estava de pé, e várias outras histórias viviam chegando ao meu ouvido. Eu não sabia mais o que era real e o que era ficção.

Posso dizer que realmente adorei o meu trabalho, adorei a minha primeira semana, mas quem disse que algo bom dura por muito tempo?

— Arianna? — chamou Sara, animada, quando adentrei a grande sala de descanso no térreo do hotel. Ela deu uma pequena corrida até mim e se agarrou em meus braços com um largo sorriso no rosto. — Você já conheceu ele?

Sara era jovem, a mais jovem do nosso grupo de camareiras, com apenas dezenove anos. Ela possuía longos cabelos louros e ondulados e grandes olhos verdes. Sua personalidade podia ser resumida como estática, pois praticamente estava sempre saltitando de felicidade por alguma coisa. Todo dia havia uma notícia que ela contava para todas as mulheres, e hoje o assunto era de um homem em especial.

— Não quero ouvir, Sara, então não me conta — eu disse rapidamente, passando por ela e indo até a geladeira onde havia um sanduíche que havia trazido para comer naquele momento.

Sara apenas revirou os olhos, pois ela sabia que eu possuía certos problemas com pessoas do sexo masculino. Todo homem que eu havia conhecido se revelou ser um problema, então eu estava pronta para pôr um fim no assunto relacionamento, e Sara sabia disso.

— Mas ele é tão lindo — ela disse com olhos sonhadores enquanto as outras mulheres apenas davam gargalhadas pela cena que Sara estava fazendo. — Ele talvez seja uma década mais velho do que eu e é tão fofo com aqueles olhos azuis e cabelos escuros. Um pouco alto demais para o meu gosto, mas ele é sensacional! — Ela sorriu. — Nunca ficaremos juntos, eu sei, mas posso fantasiar à vontade. — Com isso dito ela se sentou em uma das mesas redondas, apoiou as suas mãos em seu queixo e começou a sorrir de uma maneira fantasiosa.

— Pelo amor de Deus, de quem ela está falando? — eu perguntei, curiosa, sentando na mesma mesa que Sara e outras duas camareiras. As mesas estavam cheias, e todas as pessoas presentes do sexo feminino sorriam ou gargalhavam por Sara ainda estar aprofundada em alguma fantasia envolvendo o tal homem bonito.

— Sara conheceu um dos novos seguranças — respondeu Emma, que se sentava na mesa ao lado. — Não que isso faça alguma diferença, ele vai trabalhar no turno da noite e de madrugada. Nós trabalhamos no turno da manhã e da tarde. Nunca vamos nos encontrar.

Houve um suspiro coletivo.

— Vocês são loucas — gargalhei. — E são ca.sa.das — murmurei entre pausas, fitando cada mulher que era casada.

Elas apenas deram de ombros. Achei toda a situação engraçada, pois nós éramos um bando de mulheres de várias partes do país usando o mesmo uniforme. De uma hora para outra estávamos no mesmo barco. Éramos colegas e dividíamos todos os dias as situações que ocorriam ao nosso redor. Não importava de onde éramos e do que poderíamos estar fugindo, todas nós usávamos uma calça cinza clara e uma blusa vermelho bordô. Um uniforme estranho, pode-se dizer, mas nós trabalhávamos em um hotel em que muitas pessoas achavam ser assombrado, então a palavra *normal* não se encaixava necessariamente em Spooky Hollow.

Antes que qualquer outra pudesse falar novamente, um grupo de homens adentrou na sala.

— E essa é a sala de descanso — disse Jo, o segurança chefe.

O grupo era composto por cinco homens sérios que usavam uniformes escuros, parecidos com que os policiais geralmente usavam. Ficou claro que Jo estava mostrando cada canto do hotel para um pequeno grupo de novos seguranças.

— Eu pensei que era um segurança só – sussurrei para Sara ao meu lado.

— Aparentemente não – ela respondeu, seus olhos brilhando enquanto olhava para um homem em especial.

Curiosa como eu era, segui o olhar de Sara, de Emma, Adelind e de todas as outras. Meus olhos caíram em um homem jovem, que honestamente parecia ser muito mais jovem do que eu. Franzí o cenho ao pensar nas palavras de Sara ao dizer que ele poderia ser uma década mais velho que ela. Jovens, vai entender! Ele tinha cabelos escuros até os ombros, olhos azuis e um corpo esbelto. Enfim, realmente bonito, mas não fiquei com o meu queixo no chão como a maioria das minhas colegas.

Eu estava prestes a revirar meus olhos quando notei o homem mais alto de todos. Ele estava a vários passos de distância do grupo dos homens que haviam se reunido em um pequeno círculo. Ele apenas escutava de longe, com os braços atrás do corpo, exibindo um rosto sério e concentrado. Além de alto, tinha músculos exuberantes, como se fosse um lutador de MMA. Ele possuía cabelos curtos e ruivos, com uma pequena barba por fazer, além disso, tinha olhos incrivelmente verdes, destacando um rosto muito atraente. Ele sim poderia ser classificado como sendo uma década mais velho que eu. Ele era a personificação da palavra macho, mas aparentemente só eu o havia notado. As outras garotas continuavam a babar no jovem de cabelo lambido e olhos azuis. Eu simplesmente não pude compreender no que as outras estavam pensando, mas por um lado eu estava animada com nossos gostos diferentes.

— Senhoras, senhoras, por favor, silêncio por um segundo – pediu Jo. — Estes são os novos seguranças de Spooky Hollow. Jose e Tom estão no turno da manhã e tarde, e Mike e Matt estão no turno da noite e madrugada.

O meu coração afundou um pouco, pois quando Jo anunciou os dois seguranças do turno da noite, o jovem bonito (Matt) e o lutador MMA (Mike) haviam balançado a cabeça quando foram apresentados. Baixei minha cabeça quando o borbulhar de conversas de minhas colegas voltou, e logo pensei que por Mike não estar no mesmo turno que eu era uma boa ideia. Além do mais, ele provavelmente já era casado, ou tinha uma namorada. Um homem daqueles não poderia estar disponível, e mesmo que estivesse eu não poderia ser notada quando tinha alguém como Sara ao meu lado. Eu era loura com olhos castanhos, absolutamente ordinária.

Baixinha e ordinária, pensei, suspirando.

Levantei meus olhos e fui dominada por uma onda de tristeza, apesar de não querer nenhum relacionamento amoroso. Mike não pegou a atenção das minhas colegas, mas aos meus olhos ele era incrivelmente atraente. Atraente e até perigoso, mas perigoso em um bom sentido. O meu pai era um tipo de perigoso que eu nunca mais queria encontrar em minha vida, mas Mike era um tipo de perigoso que protegeria alguém ao invés de causar dor alheia sem nenhum motivo aparente.

Mike mais uma vez não participou do pequeno círculo que se formou entre os homens, mas ficou concentrado no que diziam. Notei logo de cara que ele seria o melhor segurança que o hotel jamais teve, pois sua disciplina e concentração eram imbatível. Eu devo ter o encarado por tempo demais, pois os olhos verdes de Mike logo se viraram e se conectaram com os meus. Seu olhar foi tão intenso que meu coração começou a bater descontroladamente, mas não desviei meus olhos

dos seus. Ele não se moveu, não disse uma palavra, apenas me encarou de volta do outro lado da sala.

— É isso por aqui. Temos que ir – Jo disse altamente, fazendo Mike olhar para o seu novo chefe. Ele seguiu Jo e os outros e não olhou para trás. Não pude deixar de ficar um pouco decepcionada.

Os últimos momentos do meu intervalo foram algumas conversas altas enquanto outras conversavam aos murmurinhos. E o assunto era Matt.

— Espera aí – disse outra colega de trabalho, Adelind, levantando a mão como se tivesse enfim entendido alguma coisa. — A Sara nos chamou de velhas ao tentar adivinhar a idade do lindinho ou foi impressão minha?

— O quê? Não – respondeu Emma. — Ela só disse que o cara é muitos anos mais velho que ela.

— Qualquer pessoa é mais velha que ela aqui – resmungou Adelind. — Talvez tirando alguns investigadores paranormais. Alguns são bem jovens.

— E idiotas – disse outra.

— E medrosos.

— Idiotas e medrosos. É isso que eu tenho que lidar quase todos os dias – eu disse, suspirando.

— Você é a mais corajosa de todas nós – Adelind murmurou, fazendo as risadas desaparecerem e um clima pesado logo caiu em todas as nossas cabeças. — Eu nunca mais trabalho no terceiro andar, isso é certo.

Cada uma das mulheres concordou com Adelind, inclusive Sara que havia finalmente saído de vez de suas fantasias com Matt. Eu apenas dei um sorriso constrangido para o grupo e não disse nada. O que mais eu poderia dizer? Nada de muito grave havia acontecido comigo ainda, e eu esperava que nada acontecesse. Na minha cabeça todas elas haviam imaginado o que quer que haviam um dia passado e ficaram traumatizadas. Eu nunca pensei que poderia acontecer comigo.

Mas obviamente aconteceu. Naquele mesmo dia.

Eu estava no quarto 212, trocando os lençóis da cama de um casal que havia recém havia saído quando de repente os pelos de meus braços se arrepiaram. Achei estranho, mas logo atribui a minha reação ao ar condicionado. O ar ficou gélido e senti minhas mãos formigarem. Meu coração começou a bater violentamente por nenhuma razão aparente. Me senti vigiada, então olhei para vários cantos do quarto e não encontrei nada de anormal até que senti alguém puxando o meu rabo de cavalo. Por um segundo eu pensei que alguém estava pregando uma peça; sorri e virei meu corpo, pronta para pegar a pessoa no ato. O meu sorriso desapareceu quando notei que não havia ninguém atrás de mim.

— Olá? Tem alguém aqui? – perguntei enquanto meu corpo inteiro começou a tremer levemente. Não obtive resposta, mas ouvi uma risada masculina quase que inaudível, como se alguém estivesse em algum quarto adjacente e eu pudesse ouvir uma risada abafada. — Olá? – tentei novamente e fui até o banheiro, onde alguém poderia ter se escondido.

Não encontrei ninguém.

Fiquei parada por alguns segundos no meio do quarto, tentando entender o que havia acontecido momentos atrás. Minha mente vagava quando aconteceu de novo! Virei meu corpo no mesmo momento da puxada e mais uma vez não encontrei ninguém. E como eu estava no meio do quarto e havia me virado quase no mesmo instante do puxão, eu sabia que ninguém, nenhum humano pelo menos, poderia ter puxado o meu cabelo.

Como uma céptica eu tentei racionalizar enquanto arrumava o quarto 212 com mãos e passos rápidos. Meus olhos não encontraram nada de anormal, mas o meu corpo reagia de uma maneira bem diferente, como se ele soubesse que havia alguém ali dentro comigo. Assim que saí e fechei a porta senti como se um peso tivesse sido saído do meu peito.

Eu não contei para ninguém o que tinha acontecido comigo.

Depois deste dia, todos os dias que se seguiram, acontecia a mesma coisa no quarto 212. Acontecia diariamente, sempre as mesmas coisas e as mesmas sensações, até que chegou um dia que eu simplesmente não ligava mais para isso. Como se aqueles acontecimentos eram apenas um cliente que me incomodava toda vez que eu aparecia.

CAPÍTULO 2

Talvez um mês depois da minha primeira semana as coisas inexplicáveis que ocorriam diariamente ao meu redor de repente começaram a ficar mais agressivas. Eu não me via mais como uma céptica, mas também não conseguia me ver como uma crente pois eu estava sempre bolando e criando cenários em minha mente para os acontecimentos se encaixarem em algo lógico. Tinha dias que eu acreditava no paranormal descaradamente, mas então havia outros em que eu mesma me chamava de louca e que isso não poderia ser real.

Eu estava tão vidrada com as coisas que aconteciam ao meu redor que acabei me fechando um pouco com as minhas colegas de trabalho, principalmente Sara, pois a sua animação me deixava cada vez mais irritada. Eu tinha inveja da inocência dela, algo que eu somente tive durante um curto período de tempo em minha vida. O novo segurança, Mike, havia sido passado para o fundo da minha mente, pois não o vi mais depois daquele seu primeiro dia. De repente, eu estava infeliz, incapaz de compartilhar os meus acontecimentos e o meu sofrimento.

— Pare – murmurei e ajeitei o meu rabo de cavalo enquanto tentava trocar os lençóis da cama de casal do quarto 212. Nas minhas primeiras semanas quando eu dizia para os puxões pararem, geralmente funcionava, mas não mais. Agora eu sentia que a presença no quarto 212 se sentia à vontade comigo ali, então fazia mais coisas ao meu redor. Então, senti alguém invisível tocando levemente em meu braço, como um carinho. Gemi de frustração e mágoa. — Pare! – gritei e bati no meu próprio braço para a sensação do toque desaparecer. Eu não sentia medo, não mais, sentia apenas frustração por ter perdido o controle sobre toda a situação. Houve outro puxão em meu cabelo, um tão forte que me fez largar o lençol e dar um passo para trás. Soltei um longo suspiro mas dei um passo para frente.

Senti dedos invisíveis em meu ombro e então fui empurrada para trás. Eu teria caído se as minhas costas não tivessem encontrado algo sólido. Uma mão agarrou a minha cintura e a outra o meu pulso, quando atingi um corpo masculino. Soltei um gemido de susto e olhei para cima.

Eu era baixa, mas ao lado de Mike eu era incrivelmente baixa. Eu não alcançava nem seu ombro. Então, quando olhei para cima, quando encontrei o rosto sério de Mike, especialmente quando ele me tocava e me tinha em seus braços, o meu coração começou uma corrida horripilante em meu peito. Fiquei sem fala enquanto eu o fitava e ele me fitava. Seus olhos eram muito mais verdes de perto e seus lábios eram mais carnudos do que eu me lembrava.

Nossos corpos e olhos ficaram conectados por alguns segundos, então Mike levantou a cabeça para o quarto, varrendo seus olhos intensos e expressão séria para cada canto que ele conseguia alcançar. Delicadamente seus braços deslizaram de meu corpo. O silêncio no quarto era tanto que me incomodou. Mike estava alerta enquanto dava um passo à frente, onde eu estava alguns segundos antes quando fui empurrada.

— Eu estou bem aqui se você quer me empurrar — Mike disse autoritariamente, seu tom era sério e sua voz era grossa e rouca. Ouvindo a sua voz pela primeira vez fez meus joelhos tremerem.

Fitando o perfil impecável de Mike eu demorei um pouco para perceber que ele havia presenciado o meu empurrão. E agora ele estava ali, falando com alguém que nenhum de nós podia ver, mas mesmo assim ele não parecia envergonhado ou com medo, pelo contrário, seu rosto exibia uma expressão dura e decisiva.

— Vamos lá! — ele disse, elevando a voz um pouco mais. — Está com medo agora?

Sem pensar, agarrei o pulso dele.

— Não, Mike! — o avisei. Notei que a minha mão pequena não se fechava no pulso dele, e que eu levemente tremia, mas não porque sentia medo por mim mesma, mas sim por ele. Mas Mike parecia estar pronto para qualquer ameaça.

— Você deixa ela em paz! — ele continuou, fitando o quarto vazio. — Se tocar nela de novo vou mandar todos os investigadores paranormais para este quarto e dizer que o seu nome é Stuart e que você foi assassinado pela sua mãe. É isso que você quer?

Fomos recebidos por total silêncio.

Eu não consegui dizer uma palavra, não para Mike e nem para *Stuart*, mas consegui me mexer quando Mike começou a me conduzir para a porta que se encontrava aberta.

— Não — eu disse, pousando a minha mão em seu peito. — Tenho que terminar o quarto.

Meus olhos pareciam estar sempre em Mike quando ele estava por perto, então peguei as expressões de surpresa em seu rosto. Ele me fitou e depois olhou para o quarto. Enquanto ele pensava por alguns segundos eu fiquei ali, ao seu lado, por alguma razão esperando a sua aprovação para poder continuar.

— Rápido — ele murmurou com uma voz rouca, mas eficaz.

Como no primeiro dia em que tive a minha primeira experiência, rapidamente arrumei o que faltava do quarto. Eu pensei que Mike sairia e continuaria com o seu próprio trabalho, mas ele se fixou no vão da porta, observando cada movimento que eu fazia. Fiquei constrangida por ter aqueles olhos maravilhosos presos em mim, mas consegui me mexer rapidamente e não fui tocada nenhuma vez por algo invisível. Quando estava prestes a me encontrar com Mike, no entanto, comecei a sentir uma queimação na parte de baixo das minhas costas, mas não mencionei, pois provavelmente eu havia batido em algum lugar sem notar.

Ambos saímos do quarto 212 e eu logo peguei o meu carrinho de camareira em frente a porta e comecei a empurrar pelo corredor solitário. Mike permaneceu ao meu lado.

— Obrigado — eu sussurrei. — Apesar de não saber exatamente o porquê de eu estar agradecendo.

— Você já fez o seu intervalo da tarde? — ele perguntou, quase atropelando o meu estranho agradecimento.

Eu parei e levantei o rosto, o fitando. Ele fez a mesma coisa, só que baixou o rosto.

— Não.

— Precisamos conversar — ele disse seriamente, me conduzindo para uma sala onde eu poderia largar o carrinho de utensílios que as camareiras não viviam sem.

Assim que larguei o carrinho, Mike mais uma vez me conduziu entre os corredores e escadas do hotel. Seus meros toques em minha pele me deixavam ofegantes. Não falamos sequer uma palavra enquanto caminhávamos, mas nós lançávamos olhares um ao outro o tempo inteiro. Eu não tinha a menor ideia do que estava prestes a acontecer e sobre o que ele queria conversar comigo. Tudo de repente era tão estranho.

Sem demora chegamos na parte de trás do hotel onde os fumantes se escondiam de vez em quando para fumar. Não havia ninguém ali quando chegamos e Mike logo apontou para um banco pequeno.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? — ele perguntou no momento em que sentamos.

Comecei a ficar nervosa, pois era difícil para mim conversar com alguém sobre os meus problemas, ainda mais problemas impossíveis como o paranormal. Além disso ser ruim, Mike era atraente. Eu me sentia atraída por ele em um nível surreal, e falar com ele era duplamente difícil.

Respirei fundo e pedi para o meu coração se acalmar.

— Faz algumas semanas — respondi de uma maneira acanhada.

Vi a reação de Mike, em que ele apertou os seus maxilares e fechou os punhos.

— Porque você não disse isso para ninguém? — ele perguntou de uma maneira que me fez sentir um pingo de vergonha.

— Eu preciso deste trabalho — resmunguei. — Além disso, eu pensei que era tudo a minha imaginação.

Houve um breve momento de silêncio em que Mike apenas olhou para o cenário na frente dele. Eu fiz a mesma coisa... quase. Ele me atraía demais para sequer manter a minha concentração em qualquer outra pessoa ou situação.

— Eu estava passando pelo corredor e ouvi você — ele começou, falando enquanto olhava para nada em específico. Eu me virei no banco, dando minha total atenção para aquele homem desconhecido que me fazia sentir tantas coisas. — Ouvi alguém dizer *pare*, foi quase inaudível para mim, então continuei com passos lentos para tentar descobrir a origem. Ouvi de novo, mais alto e mais perto de mim desta vez. Passei por uma porta entreaberta e vi você. Pensei que havia alguém lá dentro, incomodando você. Abri a porta levemente e entrei. Você não notou a minha presença porque estava concentrada em outras coisas. — Mike então se virou e fitou meus olhos quando continuou. — Eu vi o seu rabo de cavalo ficando em um ângulo estranho e então ele foi puxado. Você reagiu e depois você foi empurrada. Você sentiu. E eu vi tudo, Arianna. Então, não. Você com certeza não está imaginando coisas.

Tendo outra pessoa confirmando o que você vivenciou tornava tudo absurdamente real. As dúvidas desaparecem e então você começa a pensar em tudo que aconteceu e no porquê. Porque isso está acontecendo? Porque comigo? Simplesmente porque!

Franzi as minhas sobrancelhas e baixei meus olhos, absorvendo as palavras assustadoras que Mike havia me dito, mas com o silêncio e sem a minha concentração em Mike, a queimação em minhas costas começou a me incomodar. Endireitei a minha postura e tentei alcançar o lugar da queimação.

— O que é? — Mike perguntou, chegando mais perto e notando o meu desconforto.

— Eu acho que machuquei as minhas costas.

— Deixa-me ver — ele pediu gentilmente.

Eu me virei, levantei um pouco a minha blusa e Mike levantou o que faltava. Enquanto uma mão dele deixou o tecido levantado, a outra se encaixou em minha cintura. Tive que respirar fundo para não gemer de prazer. O toque dele era o paraíso.

— Eu devo ter batido em alguma coisa — eu disse depois de alguns segundos de silêncio.

— Você foi arranhada — a sua voz grossa bateu diretamente em meu ouvido, me trazendo arrepios.

— Eu me arranhei? — perguntei, não entendendo o que ele queria me dizer.

— Não. Você foi arranhada... aqui. — A mão em minha cintura deslizou e tocou o lugar da minha queimação. — E há arranhões antigos... aqui. — O indicador de Mike tocou um lugar um pouco mais acima. — E aqui, e aqui — ele disse e eu senti o seu toque em outros dois lugares.

— Eu não... O que... Eu devo só ter batido em alguma coisa — disse sobre o meu ombro, mas Mike já estava com um celular em suas mãos, tirando uma foto.

Ele não disse nada quando baixou a minha blusa e me passou o seu celular. Pela primeira vez em muito tempo, fiquei sem palavras. Meu queixo literalmente caiu quando olhei uma foto das minhas próprias costas. Mike estava certo, é claro. Eram arranhões. Alguns estavam quase invisíveis por estarem quase curados, mas ainda dava para distinguir arranhões de dois dedos. Outros mais visíveis eram apenas de um dedo. O de hoje era o mais vermelho, com até algumas gotículas de sangue; um arranhão de dois dedos. Fiquei atônita.

— Vou contar para a administração — Mike murmurou, me tirando de um pequeno transe.

— Não! — eu disse, me virando e ficando de frente para ele de novo.

— Você está sendo atacada, Arianna. Você acha que eu vou deixar isso passar? Sou o segurança!

— Não... Você tem que... Você... — minhas palavras se perderam, mas acabei agarrando o pulso de Mike novamente. — Por favor! Não diga nada — acabei implorando, chegando mais perto de seu corpo, onde eu pude ver cada detalhe de seus olhos verdes. — Eles vão me despedir. Eu preciso desse trabalho. Por favor...

— Nenhum trabalho vale isso, querida — ele murmurou de uma maneira delicada. O *querida* me pareceu mais para me acalmar do que qualquer outra coisa, pois eu estava bem descontrolada.

— Vale sim! — eu disse, fitando o rosto que me atraía tanto com olhos marejados. — Eu não fiz faculdade, Mike. Não posso conseguir algo melhor que isso. Eles pagam tão bem, eu nunca tive tanto dinheiro! E eu gosto daqui. Gosto de trabalhar aqui, a não ser por aquele quarto, é claro. Gosto das garotas, Sara, Emma, Adelind! Eu gosto de você! E ninguém me machuca aqui — balancei a cabeça, não podendo acreditar que algo assim estava acontecendo comigo. — Pelo menos ninguém *realmente* me machuca aqui. Arranhões não são nada. Eu posso lidar com arranhões e empurrões. Eu não ligo. Por favor — implorei em uma onda de palavras, nem ao menos me dando conta que havia falado muito mais que deveria e que minhas mãos agora estavam no pescoço de Mike, como se eu estivesse prestes a beijá-lo. — Por favor não diga nada! Mike...

Algumas lágrimas acabaram caindo, e quando a minha súplica acabou, limpei o meu rosto com as costas da mão e me virei no banco. Eu podia sentir os olhos de Mike em meu perfil, talvez me avaliando. Enquanto isso, o meu coração batia forte, por estar perto dele e pelo meu futuro estar em suas mãos.

— Tudo bem — ele murmurou. — Vou ver o que posso fazer. Amanhã nos falamos.

Mike se levantou e saiu, como se ele nunca tivesse sentado ao meu lado. Permaneci no banco por mais alguns segundos, tentando pensar em como a minha vida havia mudado em apenas alguns meros momentos.

Como eu estava preocupada em perder o meu trabalho, o meu sustento, eu não consegui fazer qualquer outra coisa a não ser me preocupar. Cheguei no hotel no dia seguinte com apenas umas três horas de sono e nervos à flor da pele. Logo depois de vestir meu uniforme encontrei Mike me esperando na sala de descanso. Eu coloquei o meu lanche de mais tarde na geladeira e depois caminhei até ele. Nos fitamos por alguns segundos e sem demora notei que as minhas colegas me lançavam olhares curiosos, ainda mais quando deixei a sala com Mike ao meu lado.